

Pescadores e juventude de Marudá/PA: estão se afastando da pesca artesanal?¹

Layse Rosa Miranda da Costa²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo explicar sobre o fenômeno que foi observado no município de Marapanim/PA, mais especificamente em um de seus distritos, chamado Marudá, que consiste no afastamento de pescadores e das gerações mais jovens da pesca artesanal, a partir da análises sobre como o sistema capitalista transformaram algumas relações socioculturais e econômicas na localidade com o passar do tempo. Estas observações foram possíveis a partir de um trabalho de campo realizado por mim, no ano de 2018, através do projeto chamado Recursos Naturais e Antropologia de Sociedades Pesqueiras. De acordo com as bibliografias, a pesca artesanal é uma das principais atividades econômicas da localidade, e passou por várias transformações no decorrer do tempo, pois a partir da década de 1930, com as construções de estradas que ligavam Marapanim/PA aos grandes centros comerciais, como Belém/PA e Castanhal/PA, a pesca, que era uma atividade voltada para o autoabastecimento dos moradores, passou a ser primeiramente voltada para estes mercados, ocasionando em mudanças econômicas e socioculturais, que refletiram no modo de vida dos pescadores e moradores, ocasionando a intensificação do trabalho da pesca artesanal. Porém, no ano de 2018, foi possível perceber entre os pescadores, e principalmente as gerações mais jovens, um certo afastamento em relação a atividade da pesca artesanal, e conseqüentemente, a busca por outras estratégias de sobrevivência, pois segundo relatado por alguns, a pesca já não era rentável como ocorria em décadas anteriores. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo explicitar e analisar sobre as motivações do afastamento de pescadores e dos mais jovens em relação a pesca artesanal.

Palavras-chaves: afastamento da pesca artesanal; pescadores; juventude; Marudá/PA.

Introdução

¹ Trabalho apresentado na 33^o Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Licenciada em História, pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Pesquisadora colaboradora do Projeto chamado Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Pesqueiras, no Museu Paraense Emilio Goeldi. E-mail: laysecosta83@gmail.com.

O distrito Marudá/PA está inserido no município de Marapanim, que fica localizado no Litoral do Nordeste Paraense, e possui 26.605 habitantes, com território de 804,760 km² (IBGE, 2010). A localidade faz parte da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, criada no ano de 2014. De acordo com o Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marina no Município de Marapanim, Estado do Pará (2014), feito pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), o município é constituído por 15 Distritos, como, Marudá, Vista Alegre, Juçateua, Ituaçu, Crispim, Bacuriteua, Camará, Retiro, Recreio, Livramento, Porto Alegre, Cafezal, Araticum-Mirim, Guariubal e Tamaruteua.

A pesca artesanal é uma das principais atividades socioeconômicas da localidade, porém, no ano de 2018, foi possível observar, a partir de uma pesquisa de campo realizada por mim através do projeto chamado Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Pesqueiras, o afastamento de pescadores e da juventude da pesca artesanal, e, conseqüentemente, a busca de outras estratégias de sobrevivência por parte desses indivíduos.

No município de Marapanim/PA, a pesca com alguns artefatos pesqueiros, como, o curral de pesca e rede de pesca, iniciou com maior poder predatório na década de 1930 (FURTADO, 1987). Era uma atividade voltada para o autoabastecimento dos moradores da localidade, mas com a abertura para o mercado a partir das construções de estradas na década de 1930 que ligavam o município aos grandes centros comerciais do Estado, esta atividade passou a ser primeiramente voltada para estes mercados, ocasionando em mudanças econômicas e socioculturais, que refletiram no modo de vida dos pescadores e moradores, resultando na intensificação do trabalho da pesca artesanal, principalmente por se tornar uma das principais fontes de renda dos pescadores artesanais em décadas passadas. Desde esse período, a pesca passou a ser uma das principais atividades econômicas da localidade, pois a grande quantidade de peixes capturados, eram transferidos para os grandes centros urbanos, a fim de serem comercializados. Porém, segundo Furtado (1987), com o passar do tempo, por volta da década de 1970, já era perceptível muitos jovens se afastarem da pesca artesanal, ou seja, não estavam tão interessados em aprender os conhecimentos tradicionais em relação aos manejos das práticas pesqueiras.

Porém, segundo relatos de alguns pescadores da localidade no ano de 2018, muitos estavam deixando de ter a pesca como principal fonte de renda, pois este

trabalho já não estava sendo rentável, ou seja, já não supria as necessidades de subsistência que possuíam; logo, passaram a recorrer para outras estratégias. Por diversas questões relatadas, estavam em busca de outras atividades, como, trabalhos ligados ao turismo, já que é uma das principais atividades econômicas da região; muitas pessoas passaram a migrar para outros municípios do Estado do Pará em busca de outras oportunidades de trabalho ou estudos.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo expor e analisar sobre as transformações em que a pesca artesanal vem passando no decorrer do tempo a partir de como a dinâmica do mercado vem influenciando no afastamento de muitos pescadores da pesca artesanal atualmente.

Debate e discussões: a influência do sistema capitalista e da modernização na pesca artesanal no decorrer do tempo no distrito de Marudá/PA.

A pesca artesanal na localidade passou e passa por muitas transformações ocasionadas pelo sistema capitalista, que influenciou e influenciou na dinâmica sociocultural dos moradores. Furtado (1987) afirmava que as construções das estradas na década de 1930 fizeram com que ocorresse a expansão do setor pesqueiro, pois antes, a pesca era mais voltada para o autossuprimento. Dessa forma, os apetrechos utilizados para a captura de espécies aquáticas não possuíam um poder predatório tão intenso, porém, com a passar do tempo, passaram a ter maior poder predatório, principalmente pela propagação de redes de pesca pré-fabricadas no sul. Logo, algumas transformações começaram a ocorrer na localidade, como, os peixes passaram a serem comercializados nos principais centros comerciais do Estado do Pará, como Belém e Castanhal; o número de pescadores aumentaram, pois de acordo com a colônia de pescadores da localidade, era detectável o aumento de cadastro (FURTADO, 1987).

Furtado (1987) enfatizava que a comunidade possuía um isolamento significativo, mas a partir do contato com a modernidade e com o sistema capitalista, passou a não ser isolada, e muitas transformações socioculturais passaram a ocorrer, como por exemplo, por ser uma área litorânea, além do aumento de pescadores artesanais interessados nesta atividade, o fluxo de pessoas de Belém para a localidade também aumentou, ocasionando na ampliação do turismo, e, no aumento de moradores da localidade migrando para Belém/PA em busca de novas oportunidades de trabalhos e estudos.

No ano de 2018, quando fui à localidade para a minha primeira pesquisa de campo, observei outro cenário, tanto entre os moradores e pescadores, quanto em relação a pesca artesanal. A partir do diálogo com os pescadores tanto da sede do município de Marapanim, quanto em Marudá, foi possível observar que as pessoas estavam se afastando da pesca porque já não tinham tanto peixe quanto antes. Dialoguei com 7 pescadores, e dentre os relatos, irei expor o do seu A,D, pescador de Marudá. No decorrer de sua fala, pude sentir um descontentamento intenso:

“Aqui já não dá peixe como antes não. O peixe que a gente pesca aqui é mais pra boia³. Outra coisa é que pescador sofre aqui, porque ninguém dá amparo pra gente, nem colônia, nem reserva extrativista e nem nada. Muita gente foi embora pra outros trabalhos, porque pescar já não dá dinheiro”(A.D, 2018)”.

Esse relato me chamou atenção, ainda mais por perceber como a pesca artesanal teve um auge em relação ao mercado e aos pescadores que buscavam ter sua renda baseada nesta atividade em décadas passadas, mas que no ano de 2018, muitos buscavam por outras estratégias de sobrevivência, pois a pesca artesanal já não estava sendo rentável segundo os pescadores, além disso, a gestão da localidade não dava subsídio para que pudessem trabalhar com amparo, de acordo com os pescadores.

Pude observar que os pescadores artesanais, os que continuavam pescando possuíam muitos descontentamentos com as gestões da localidade, por se sentirem desamparados. Observei também a partir do diálogo com os pescadores que os jovens não se interessavam pelo trabalho da pesca artesanal, inclusive, não os visualizei com frequência nesta atividade quanto estive no ano de 2018.

Já era mencionado sobre o afastamento dos mais jovens por Furtado (1987):

“A geração mais velha queixa-se de que os rapazes não se interessam pela pesca com a mesma responsabilidade e “amor” com que faziam quando com essa idade. Disseram-me vários pescadores que têm filhos pescando com eles: “estes rapazes de hoje só querem pescar até quando não se arranjam lá fora” muitos vão para Belém para trabalhar como cobradores de ônibus ou arriscar a vida em qualquer tarefa do meio urbano.” (FURTADO, 1987, p,130).

Dessa forma, é perceptível que a relação da localidade com os grandes centros comerciais como Belém e Castanhal, no Estado do Pará, passaram a influenciar muitos

³ Boia: termo utilizado para se referirem a própria alimentação.

jovens a se interessarem por outros trabalhos desde a década de 1970, como relata Furtado (1987), que apesar de muitos pescadores terem recorrido a pesca artesanal naquele período, a juventude já estava em busca de outras estratégias de sobrevivência.

Em 2018, durante minha experiência etnográfica, pude observar entre os moradores com quem tive contato, tanto de Marudá quanto da sede do município de Marapanim, muitos jovens migrando para Belém ou para Castanhal, que são os grandes centros comerciais do Estado do Pará, em busca de se aperfeiçoarem nos estudos a partir de cursos técnicos ou/e ensino superior. Muitos também migrando em busca de trabalhos que pudessem ser mais rentáveis, e em busca por melhores qualidades de vida, já que segundo alguns moradores, a gestão do município não dava subsídios na educação, na saúde e lazer para esses jovens.

Dessa forma, é evidente perceber como muitas transformações ocasionadas pela dinâmica do sistema capitalista modificaram de forma sociocultural a localidade, pois quando se observa a etnografia da antropóloga Lourdes de Fátima Furtado, em sua obra chamada *Currallistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*, publicada no ano de 1987, onde aborda sobre transformações que a localidade sofreu ocasionadas pelos meios de comunicações e transportes mais modernos, que possibilitou em maiores trocas econômicas, é perceptível que conseqüentemente modificaram uma comunidade mais isolada em outra mais aberta as influências externas. Em 2018, era nítido que perceber que os desafios que a pesca artesanal passou a passar, eram em decorrência as questões econômicas, que influenciaram na dinâmica dos moradores da localidade.

Dessa forma, a modernização e o sistema capitalista geram na comunidade de Marudá/PA, principalmente entre os pescadores artesanais e as gerações mais jovens, algo que Simmel (2005) chama de atitude Blasé, que consiste em o indivíduo esvaziando-se de suas especificidades e particularidades em prol de um desenvolvimento das coisas, ou seja, se afastam de atividades tradicionais e de especificidades de seu povo, como a pesca artesanal e seus conhecimentos, por necessidades recorrentes ao desenvolvimento capitalista e ao mundo moderno.

Outro ponto relatado pelos pescadores com quem dialoguei foi sobre a pesca industrial na localidade, segundo eles, ela também fez muitos espécies aquáticas não aparecerem para que eles pudessem pescar. Pude acompanhar um curralista⁴ em uma

⁴ Curralista é o pescador que despesca o apetrecho pesqueiro chamado curral de pesca

despesca de curral no ano de 2018, e ele me mostrou um recipiente com alguns peixes que tinha despescado. Ele me disse o seguinte:

“Isso aqui é só um pouquinho de peixe, porque não estamos na época de algumas espécies, mas não é só isso, já tem um tempo que a gente não pesca como antes. Quando estamos na época de algumas espécies, até que da bom, mas não como antes. Esse aqui é mais pra complementar na renda familiar mesmo” (ANÔNIMO, 2018).

Appadurai (2008) me fez perceber em como as relações de poder no consumo das mercadorias, no caso do meu objeto de pesquisa, a pesca, podem estar causando o afastamento de muitos pescadores e da juventude da pesca artesanal. Segundo Diegues (1999) a expansão do setor pesqueiro em muitas localidades da região Norte do Brasil, mais particularmente na região litorânea, se intensificou na década de 1970, pois foi marcada pela implantação de empresas ligadas a pesca industrial-capitalistas, fazendo com que conflitos passassem a ocorrer por conta disso, pois esta pesca invadia o espaço de pescadores tradicionais artesanais, além do mais, a capacidade predatória ocasionada pelo grande potencial que essas empresas possuíam, fazia com que a sobrepesca ocorresse, prejudicando o desenvolvimento e causando a mortandade de muitas espécies aquáticas.

No ano de 2018 realizei minha primeira pesquisa de campo na localidade, onde pude observar que muitos pescadores e as gerações mais jovens estavam se afastando da pesca artesanal. Esta angústia perdurou e perdura, sendo assim, passou a ser a problemática da minha proposta de dissertação no mestrado. Recentemente, em 2022, pude dialogar com 4 pescadores e moradores da localidade através da plataforma digital chamada *whatsapp*, e um deles me afirmou que a pesca para muitos é uma atividade que complementa a renda familiar de muitas famílias, mas que não é a principal forma de adquirirem renda. Ele me relatou da seguinte forma:

“No mês de julho, muitos nem pescam, porque vão trabalhar no turismo, já que vem muitos visitantes pra cá. Mas a pesca de subsistência é frequente para alguns pescadores, e a pesca de safra ocorrem para outros, que pescam em momentos específicos e muitos abandonaram a pesca mesmo” (P.P, 2022).

Sendo assim, seguimos navegando nestas análises e observações, afim de seguir o objeto desta pesquisa, que é a pesca artesanal.

Considerações finais

Appadurai (1986) afirma que antropologia é o estudo das relações, e, não dos significados, dessa forma, era fundamental seguir o objeto de pesquisa, para ver qual ou quais relações sociais o mobilizam. Dessa forma, estou buscando seguir o objeto da minha pesquisa, que consiste na pesca artesanal, e como as relações se mobilizaram ao longo do tempo, e como os pescadores artesanais dialogam com ela a partir de todos os estímulos, principalmente do sistema capitalista. Sendo assim, seguindo o objeto, é possível que percebe como a atividade da pesca artesanal vem se moldando no decorrer do tempo, e de como os pescadores artesanais se adaptam as novas realidades e mudanças, como continuam esta atividade diante de tantas modificações. Ainda há muito de ser pesquisado, principalmente em relação ao aprofundamento das causas desses afastamentos, mas sobre estarem se afastando da pesca artesanal, percebe-se que sim, comparando o número de pescadores que ocorriam em décadas, o cadastro de número de pescadores na Colônia de pescadores Z-6, diminuiu consideravelmente, mas, muitos ainda permanecem.

Referência bibliográfica

APPADURAI, A. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008 [1986].

DIEGUES, A. C. S. A Sócioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375.

FURTADO, L. Currealistas e rendeiros de Marudá: Pescadores do litoral do Pará. CNPQ, Museu Paraense Emilio Goeldi (coleção Eduardo Galvão). 1987.

SIMMEL, G. "As grandes cidades e a vida do espírito", in *Mana*, vol. 11, n. 2, Rio de Janeiro, 2005.

Cidades e Estados. Marapanim, Estado do Pará. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/marapanim.html>. Acesso em 06 de dezembro de 2020.

Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação de Reserva Extrativista Marina no Município de Marapanim, Estado do Pará. Instituto Chico Mendes, 2014. <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stores>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

